

A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores

# O AMIGO DO POVO



Jornal anarquista e sindicalista revolucionário

Preço: R\$1,00

ANO I Nº 1 [oamigodopovo@inventati.org](mailto:oamigodopovo@inventati.org) [www.oamigodopovo.noblogs.org](http://www.oamigodopovo.noblogs.org) DF e Goiás, Mar/Abr/Mai de 2022

## Editorial

### Quem realmente está “em cima do muro”?

Antônio Galego

Iniciamos 2022 da pior forma possível para a classe trabalhadora: muitos problemas sociais, poucas lutas populares e muito oportunismo eleitoral. Na ausência de uma mobilização contundente com greves e protestos, a polarização Bolsonaro *versus* Lula tem ganhado cada vez mais força.

Sem uma alternativa popular muitos têm caído na lógica eleitoral. É como se toda luta por direitos fosse impossível ou inútil. Muita chantagem tem sido utilizada pelos partidos pra atacar quem segue acreditando na luta e boicotando a farsa eleitoral: a mais comum é de estar “em cima do muro”.

Mas que “muro” é esse que falam os eleitores? É a separação ilusória entre dois projetos de dominação do sistema. É a opção do povo escolher o seu próximo carrasco.

A verdade é que a principal divisão na sociedade é a de classes, é por ela que os trabalhadores e revolucionários devem guiar sua luta por direitos e libertação! E na luta de classes todos os partidos da ordem, 1ª, 2ª ou 3ª via, estão na prática do lado da classe burguesa e do sistema.

Na luta de classes nós nunca ficamos em cima do muro, sempre estaremos com os trabalhadores contra os opressores de todas as cores. Nessa luta (a que realmente importa!) são os oportunistas eleitores que estão em cima do muro, conciliando com os assassinos e exploradores do povo para ganhar votos e cargos. E é exatamente por isso que boicotamos a farsa eleitoral dos ricos: por escolher o lado da classe trabalhadora! ■

**NÃO VOTE, LUTE!**

**NEM BOLSONARO, NEM LULA:  
TODO PODER AO POVO!**

## Apresentação

### UMA VOZ PELA LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES NO INTERIOR DO BRASIL

Aqui começa a história do jornal O Amigo do Povo. Um jornal anarquista e revolucionário do interior do Brasil. A distribuição e o conteúdo buscarão abranger a região central do país. Se você é de alguma cidade de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul ou outro estado, entre em contato, leia e distribua o nosso jornal!

#### Nossa missão e compromisso

O Amigo do Povo é a voz dos eternamente esquecidos e deserdados, dos trabalhadores pobres e oprimidos dessa terra. Daqueles que constroem com suas mãos todas as riquezas e belezas do nosso imenso país, mas que em troca recebem violência, humilhação e fome.

Queremos que essa voz chegue em cada vila, povoado, aldeia, periferia, posto de trabalho, presídio, comunidade camponesa, cortiço, no mais profundo dessa região. É daí que retiramos toda nossa força e nossas bases de apoio, nosso pensamento e tradições de resistência. É nessa massa trabalhadora que repousa a única esperança da Revolução Social redentora, que irá esmagar os exploradores e construir uma sociedade nova, livre e igualitária.

O futuro do Brasil pertence ao Trabalho e à Liberdade! Para isso temos que varrer para sempre de nossa terra um punhado de ri-

cos parasitas, políticos corruptos e milicos assassinos, e principalmente destruir o sistema que os sustentam: o capitalismo e o Estado. Imensa tarefa! Mas em cada greve, manifestação, revolta, ocupação de terra, o povo dá provas de que pode e irá vencer, que pode e irá se autogovernar.

Ajudar a organizar e enraizar as forças da Revolução no seio das massas populares em nossa região, eis a principal missão do jornal O Amigo do Povo. Daremos uma pequena ajuda, é claro, mas honesta e combativa. Somos uma gota d'água na grande tormenta, agindo e vivendo como amigos do povo, de igual para igual, assim agem os anarquistas revolucionários.

#### Nosso pensamento-guia

Sabemos que a propaganda por si mesma é muito limitada. Para mudar o nosso terrível destino, só com fatos e ações concretas! Por isso somos um jornal de combate, em defesa do fortalecimento de organizações sindicalistas revolucionárias e da reconstrução do Partido da Revolução, como defenderam Proudhon, Bakunin e Makhno.

As questões estratégicas para a vitória da revolução brasileira e da luta popular (questão econômica, política, social, internacional, etc.) precisam urgentemente se tornar



DOMINGOS PASSOS

NESTOR MAKHNO

MIKHAIL BAKUNIN

ZUMBI DOS PALMARES

JAIME BALIUS

JOSE PORFIRIO

o foco dos anarquistas. Só assim o anarquismo irá cumprir seu dever com o povo e ao passo ir se massificando, ganhando a confiança e o engajamento dos trabalhadores. Nosso compromisso é com nossa classe social, não com os meios virtuais/políticos ditos de “esquerda” ou “libertários”, tão contraditórios quanto inúteis para a emancipação do proletariado.

Reivindicamos o acúmulo histórico do Bakuninismo e do Sindicalismo Revolucionário no Brasil. Nesse processo tivemos erros e problemas, mas muito mais acertos e uma grande contribuição pra luta popular: não pode existir política revolucionária sem luta contra o reformismo, seja ele marxista ou “libertário”. O jornal surge pra contribuir com a continuidade desse processo, como uma liga entre velhos e novos militantes, grandes camaradas que não sucumbiram às modas e pressões da pequena-burguesia socialdemocrata e liberal/pós-moderna.

Defendemos a teoria da Revolução Integral, elaborada pelo maior revolucionário de todos os tempos: Mikhail Bakunin. Somos contra as diferentes ideias ditas “revolucionárias” sobre etapas de transição “democrático-burguesas”, sejam de origem comunista ou desenvolvimentista. Elas são enganações para o povo e o desviam para a colaboração com o inimigo de classe, constroem novas escravidões e ilusões. Somos anarquistas! Lutamos pela emancipação integral do proletariado, só possível com a destruição simultânea e imediata do Estado e do Capital.

### Em defesa da independência de classe

Nosso jornal surge em um momento chave do país. A maior crise de organização e direção da classe trabalhadora é uma consequência da estratégia reformista de conciliação de classes do PT, PCdoB, PSOL e seus satélites. Isso tem colocado os trabalhadores numa situação péssima frente aos

ataques dos governos e patrões, em especial do governo Bolsonaro.

A política lulista, com a farsa da “unidade antifascista” e da “frente única”, aprofunda seu caráter burguês e contrarrevolucionário se aliando aos que ontem eram conhecidos como fascistas e mafiosos. Lula e o PT propõe um novo acordo. No fim das contas, Bolsonaro, Lula, Moro, Dória ou Ciro são candidatos da burguesia, submissos ao sistema que massacra nosso povo. Todos são parte do problema, farinha do mesmo saco. E grande parte dos partidos socialdemocratas/comunistas (da “esquerda”) vão se afundando na lama da conciliação e do oportu-



Fotos: Cotidianos de trabalho e resistência de mulheres e homens da nossa classe.

nismo eleitoral, satélites da estratégia e da chantagem lulista.

Para a classe trabalhadora seguir o lulismo ou o bolsonarismo significa o suicídio da sua ação independente como classe. Significa aprofundar a crise do proletariado, reduzido a massa de manobra dos projetos burgueses de poder. Por isso, nos próximos anos uma grande batalha pela independência de classe precisa ser travada. É a única chance de superar a crise de organização. Assim como retomar a ação direta das massas por suas reivindicações sociais e econômicas.

Por outro lado, o atoleiro sem fim que se enfiou a esquerda reformista, e que levou nossa classe junto, reduziu essa esquerda a quase nada, e por isso mesmo traz a possibilidade de reorganização do povo, de “começar de novo”, por fora e contra essa tradição. São as brechas em meio ao caos para um novo encontro histórico entre o povo brasileiro com o anarquismo e o sindicalis-

mo revolucionário. É uma hipótese improvável, mas possível e necessária. Devemos trabalhar por ela, nosso povo precisa dela.

### Ir ao povo

Nenhuma luta séria por mudança pode ter êxito sem um profundo amor ao povo. Por isso, em nossa juventude combativa do interior do Brasil, sinceros lutadores do povo, é necessário lutar contra todas as tendências que a afastam das massas. A admiração exagerada do que é de fora, excêntrico, metropolitano, está relacionada com uma mentalidade derrotista, muitas vezes idealista e elitista, de que aqueles ao nosso lado são “alienados” e “atrasados”.

É preciso ser povo, se identificar com o nosso povo. Isso se torna real através de práticas cotidianas de vida e combate, na relação com os vizinhos, famílias e colegas de trabalho, valorizando e construindo o trabalho de base nas nossas localidades. Precisamos construir um internacionalismo

classista desde as bases, da periferia para o centro, com raízes fortes e duradouras.

Não existe atalho na luta revolucionária, não existe vitória popular de improviso. Quem toma a moda do dia como verdade, quem perde o foco, é um iludido ou um potencial enganador. O caminho é difícil. Por isso, aprender com os erros, separar o joio do trigo, é uma questão de sobrevivência pra nós. Séculos de sangue, suor e pólvora derramado no nosso chão provam isso.

Camaradas! Sigamos em frente na luta pela Revolução Integral! Sigamos lutando pela unidade proletária contra o Estado e a propriedade privada! Sigamos com a força das tradições coletivistas e rebeldes dos povos indígenas, negros, brancos e mestiços que conformam as raízes da classe trabalhadora brasileira! Em cada luta pela vida, das menores às mais grandiosas, dos trabalhos de formiguinha às semanas decisivas, seremos sempre amigos desse bravo e grandioso povo! ■

## 17 anos do massacre do Sonho Real em Goiânia

O dia 16 de fevereiro de 2005 ficará marcado para sempre na memória dos lutadores e lutadoras do povo. Nesse dia 14 mil pessoas que reivindicavam o direito a moradia foram brutalmente despejadas da Ocupação Sonho Real (no Parque Oeste Industrial), em Goiânia.

A desocupação aconteceu com uma grande operação com quase 2 mil militares, chamada “Operação Triunfo”. Os trabalhadores da ocupação resistiram como puderam. Foi uma verdadeira operação de guerra contra os pobres, com todo tipo de violência e torturas Durante o massacre, Pedro Nasci-

mento da Silva e Wagner da Silva Moreira, foram mortos a tiros, 40 pessoas foram feridas, 800 detidas e vários desaparecidos. Os assassinos e mandantes seguem impunes até hoje.

Mas o sangue derramado na luta da classe trabalhadora nunca será esquecido!

**VIVA PEDRO NASCIMENTO  
E WAGNER MOREIRA! ■**

## VIOLÊNCIA POLICIAL E CHACINA EM CAVALCANTE-GO

Érico

O ano de 2022 iniciou com diversos casos de violência policial. No município de Cavalcante-GO há 311km de distância do Distrito Federal, a chacina feita pela Polícia Militar de Goiás no dia 20 de janeiro, que vitimou 4 trabalhadores rurais quilombolas, causou revolta nas redes sociais e aos moradores do município e da Vila São Jorge pela brutalidade e injustiça.

A versão da polícia é que ao chegarem no vilarejo, os militares foram recebidos a tiros pelos quatro homens. Também segundo a polícia, foram encontrados 500 pés de maconha na região, que seriam pertencentes a Salviano Souza Conceição, de 63 anos. Os outros homens, Ozanir B. da Silva, 43 anos, Jacaré e Chico Kalunga, sem nomes e idades divulgadas, teriam agido no confronto contra a polícia segundo a corporação goiana.

A revolta se justifica pela maneira como a ação foi realizada dentro da região quilombola contra trabalhadores que segundo as testemunhas, foram coagidos e algemados, sendo executados, sem que se provasse a relação dos moradores, e pela violência dos bandidos fardados contra os homens. O modus operandi que a operação seguiu é comum, e realizada especialmente contra as populações negras, camponeses e nas periferias das cidades e do campo no Brasil. No município a população revoltada organizou manifestações e gerou visibilidade pelas redes sociais ao denunciar o crime dos fardados (foto). ■



Foto: Familiares das vítimas e moradores protestam (23/01/2022)

Dia Internacional das



Mulheres Trabalhadoras

## O 8 de março e a greve geral internacional de mulheres

Aurora

Recentemente diversas organizações, movimentos e sindicatos tem aproveitado o 8 de março, dia de luta das mulheres, para organizar uma greve geral em diversas partes do mundo. Essa forma de manifestação, baseada na ação direta das trabalhadoras, tem como objetivo demonstrar que o sistema não funciona sem nós mulheres. Então se ele precisa de nós para existir, é fundamental nossa mobilização para ele cair!

Nós mulheres duplamente exploradas, pelo capital e pelo patriarcado, somos obrigadas pelas regras do sistema a assumir a maior parte dos serviços domésticos. Precisamos demonstrar nossa força enquanto trabalhadoras que somos! Essa greve visa denunciar a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a violência de gênero, o assédio.

Neste ano de 2022, assim como os outros dois anos anteriores, essa greve se demonstra ainda mais necessária. Ora, nós mulheres tivemos que lidar com a intensificação de nossa exploração. Em meio a pandemia assumimos cargos de grande risco, ora pelo

contato com muitas pessoas (garçonetes, professoras, etc), ora pelo contato com materiais de risco sanitário (como a limpeza).

A esse risco que corremos diariamente para garantir nosso sustento e de nossa família ainda nos foi adicionado mais trabalho doméstico. Como temos que ficar a maior parte do nosso tempo de descanso e lazer em casa dedicamos mais horas do nosso dia também para a limpeza, organização e alimentação em casa.

Para aquelas que tiveram o direito ao teletrabalho a situação também não foi de menor exploração, pelo contrário! O teletrabalho intensificou as metas, aumentou a carga de trabalho e para muitas ainda é difícil diferenciar o tempo de trabalho do tempo de descanso.

É por isso que nesse 8 de março, dia das mulheres trabalhadoras, convocamos todas e todos a aderirem a greve geral internacional pelos direitos das mulheres. É apenas com nossa mobilização que derrubaremos o Estado, o Capital e o Patriarcado. ■



VIVA AS MÃES, JOVENS, OPERÁRIAS, DONAS DE CASA, CAMPONESAS, TERCEIRIZADAS E TODAS AS MULHERES TRABALHADORAS E REVOLUCIONÁRIAS!

# FRENTE A GUERRA IMPERIAL DO “NOVO CZAR”, ORGANIZAR A NOVA REVOLUÇÃO SOCIAL!



Antônio Galego

**A** invasão militar na Ucrânia é uma consequência do conflito interimperialista entre EUA-OTAN x Rússia-China pelo domínio mundial. As maiores vítimas são os trabalhadores ucranianos, mas também os trabalhadores russos e de outras nações que estão sendo enviados para matar e morrer nos campos de batalha dessa guerra injusta entre potências capitalistas.

## 1) O imperialismo “multilateral” russo e a esquerda no Brasil

A invasão russa na Ucrânia é motivada por interesses econômicos e energéticos, de expansão da acumulação capitalista e de dominação geopolítica. Toda a falácia de uma política internacional da Rússia “multilateral” e “não-intervencionista” (sustentada por um setor da esquerda pró-Putin) caiu por terra. Existe uma tendência expansionista e militarista inerente ao sistema estatal-capitalista, especialmente nos Estados com mais poder. Essa tendência caminha junta com o aumento da opressão interna: em menos de uma semana de guerra mais 5 mil manifestantes foram presos na Rússia.

Assim como as guerras lideradas pelos EUA no Afeganistão, Iraque ou Haiti (para citar o caso do Brasil durante o governo Lula), ou as intervenções indiretas em Honduras (no caso dos EUA) e recentemente

no Cazaquistão (pela Rússia), a guerra na Ucrânia possui também uma “razão de Estado”, uma ideologia enganadora dos seus objetivos injustos. Os apologeticos tem dito “que a Rússia está se defendendo” (mesmo argumento dos EUA quando invadiu o Iraque/Afeganistão!), ou que “a Rússia é contra o governo fascista na Ucrânia” (isso quando Putin recebeu Bolsonaro alguns dias antes, e possui declarados fascistas e ultranacionalistas entre os mentores da sua política), ou que “só os EUA é imperialista, as potências que se choquem com os EUA não são imperialistas” (negando assim a própria análise leninista do imperialismo!), dentre outras mentiras governamentais.

Uma grande parte da esquerda brasileira tem mostrado em escala internacional a mesma falta de independência de classe que possui internamente. São incapazes de pensar fora das polarizações burguesas, são especialistas em virar cachorrinhos de oligarcas e burgueses quando convém às “brilhantes análises” de seus youtubers. Enfim, a miséria do marxismo brasileiro e mundial se manifesta nua e crua na atual guerra: são incapazes de defender uma via independente e socialista da classe trabalhadora.

## 2) A linha socialista revolucionária frente à guerra imperialista

Não se pode prever o desenrolar da guerra, a maior tendência é que seja prolonga-

da, até porque ela é consequência da “nova guerra fria” capitalista que seguirá. Também não se pode saber a dimensão territorial que irá tomar, se vai estourar agora uma grande guerra mundial, conflitos regionais ou se será limitada ao território ucraniano. Isso e outros elementos definirão as consequências econômicas, políticas e sociais da guerra e são fundamentais para a definição de uma política classista-revolucionária.

O movimento dos trabalhadores deve combater a invasão russa na Ucrânia, não com apelos a sanções dos Estados ou da ONU nem com um pacifismo idealista, mas com a retomada dos métodos históricos da luta de classes: a greve geral, o boicote e a sabotagem contra a guerra imperialista! O proletariado e os soldados russos devem voltar seus fuzis e seu ódio contra o seu Estado e sua classe dominante, boicotar essa guerra injusta.

A classe trabalhadora ucraniana tem o direito e o dever de se defender contra a agressão estrangeira, mas precisam formular um programa e método próprios para os guiar na luta, independentes da burguesia e das potências imperiais, afim de transformar a defesa nacional em guerra de classes e revolução social. É nessas horas críticas que um movimento de massas classista e internacionalista, assim como organismos de poder popular (como os soviets), demonstram a sua importância e centralidade. ■

**NÃO À GUERRA IMPERIALISTA NA UCRÂNIA! ORGANIZAR AS FORÇAS DA REVOLUÇÃO!  
NEM OTAN, NEM PUTIN: GREVE GERAL E SABOTAGEM CLASSISTA E INTERNACIONALISTA!**

# Luta de classes no Cazaquistão e as disputas imperiais

Antônio Galego

O Cazaquistão é o nono maior país do mundo, fazendo fronteira com Rússia, China, Quirguistão, Uzbequistão, Turcomenistão e com o mar Cáspio. Sua base econômica é a exploração de petróleo e minérios, tendo por isso uma grande quantidade do proletariado nacional ocupado na indústria extrativista. Além disso, a base energética do país é altamente dependente do gás liquefeito, que é usada em toda a logística alimentícia, de transporte público e privado do país.

A riqueza natural e as características territoriais colocam o Cazaquistão há anos sob a disputa inter-

imperialista EUA/UE x Rússia/China. Além de estar na área de influência da Rússia, o governo cazaque realizou nos últimos anos várias políticas neoliberais. O petróleo e gás tem sido explorado por multinacionais como Chevron e Exxon Mobil (EUA), Total (França), Royal Dutch Shell (Reino Unido e Holanda) e Lukoil (Rússia), e na indústria do aço a multinacional Arcelor Mittal. Por outro lado, o país é um parceiro do projeto imperial chinês Cinturão da Rota da Seda, sendo que o primeiro discurso de Xi Jinping sobre o projeto foi em 2013 no Cazaquistão.

Assim, a oligarquia burguesa cazaque está profundamente atrelada aos interesses das burguesias estrangeiras, com as (des)vantagens de um país semi-periférico. Mas quem tem sofrido de fato é a classe trabalhadora, sendo a insurreição de janeiro parte de uma série de revoltas proletárias no país. Em 2011, por exemplo, ocorreu uma greve operária de massas na cidade de Zhanaozen que teve 15 mortos e centenas de

feridos. Não à toa é a cidade que iniciou a luta atual.

Na virada do ano 2021/2022 o governo aumentou em 100% o preço do gás. A revolta começou no dia 02 de janeiro com uma greve petroleira em Zhanaozen, que se alastrou no dia seguinte pra toda a região de Mangistau e depois pra região vizinha Atyrau. Nos dias seguintes a greve geral tomou um caráter insurrecional e se espalhou por todo o país, com confrontos armados e irregulares com as forças repressivas do Estado.



As reivindicações iniciais tinham um caráter classista (redução do aumento do gás, aumento salarial, condições de trabalho, liberdade sindical etc.). Com a expansão do movimento e a repressão do exército apoiada

pela intervenção militar russa, as correntes burguesas (pró-EUA, pró-Turquia, etc.) e de clãs oligarcas internos disputam o movimento para os seus próprios fins. Mas isso não é novidade na luta de classes. Em todo levante autêntico existe disputa, avanços ou retrocessos, nunca é um processo linear e absoluto.

A base da análise anarquista da revolta no Cazaquistão é a luta de classes nacional e internacional. Os defensores dos EUA ou da Rússia desprezam a ação histórica das massas populares, são cegos pelo poder dos Estados. A socialdemocracia cai nessa armadilha com a acusação de “revolução colorida”. Para os bakuninistas o fundamental é construir uma linha classista e internacionalista que unifique o proletariado mundial e o leve a vitória contra as formas de exploração capitalista e projetos imperiais. ■

**VIVA A REVOLTA PROLETÁRIA NO CAZAKUISTÃO!  
POR UMA TENDÊNCIA CLASSISTA E INTERNACIONALISTA!**

**RUPTURA NA  
UNIÃO COMUNISTA  
LIBERTÁRIA  
(UCL – FRANÇA)**

Dezenas de militantes anarquistas franceses anunciaram em uma carta pública a ruptura com a UCL. Os motivos da ruptura podem ser resumidos da seguinte forma: 1º) A UCL abandonou o plataformismo; 2º) Existe uma oposição sistemática à luta de classes por um identitarismo pós-moderno; 3º) Os métodos inquisitórios pós-modernos baseados na negação de adversários pelo seu “local de fala”.

Segundo afirma a carta: “Posturas radicais, ou mais precisamente discursos radicais, não substituem compromissos concretos diretamente ligados às classes trabalhadoras. (...) O uso de uma linguagem elitista só pode reforçar a dominação sobre aqueles que não a dominam”. Segundo a carta a disputa interna se fechou. Aos camaradas que queiram ler a carta de ruptura completa é só entrar no site: [plateformecl.org](http://plateformecl.org) ■

## 62 anos de Brasília e o Massacre da GEB

Galeano

Em 21 de Abril de 1960, o Estado brasileiro e a burguesia comemoravam a inauguração da nova capital do país. A imprensa noticiava uma festa de 24 horas, tentando validar a ilusão de que a construção de Brasília teria sido um progresso para todos.

A mesma não tinha noticiado, um ano antes, o Massacre da GEB, quando milhares de trabalhadores Candangos foram assassinados no Acampamento da empreiteira Pacheco Fernandes, na Vila Planalto. O Massacre cometido pela Guarda Especial de Brasília, que depois seria a base da Polícia Militar do DF, é símbolo da ilusão que o Estado vende!

Após se queixarem diversas vezes da péssima qualidade da comida servida, no dia 8 de Fevereiro de 1959 os trabalhadores da Pacheco Fernandes se rebelaram. Naquele dia foi servida comida estragada no almoço, em pleno carnaval! Muitos relatos dão conta que a comida foi servida azeda de propósito para que os trabalhadores não fossem para os festejos de carnaval, o que supostamente iria atrapalhar o andamento das obras.

Os bravos trabalhadores já enfrentavam a precarização das condições de trabalho, com a falta de equipamentos de segurança, que enfrentavam as perseguições dos patrões (empreiteiros) para trabalhar duas/três jornadas de trabalho em um dia, o tal ritmo “JK” de 36 horas de trabalho por dia.

Após a revolta, que deixou a cantina da empreiteira parcialmente destruída, muitos dos trabalhadores saíram do acampamento em direção à Cidade Livre (Atual Núcleo Bandeirante) para o Carnaval. À noite, quando muitos retornavam, aconteceu a covarde casinha da GEB, que metralhou centenas de trabalhadores ainda no portão do acampamento, e depois dentro dos dormitórios.

Brasília já nasceu suja com o sangue de trabalhadores! O Massacre da GEB é um dos tristes episódios em que a classe trabalhadora foi massacrada durante a construção de Brasília.

Para nós trabalhadores a data de inauguração de Brasília deve lembrar os nossos, os que morreram nas construções da cidade e os que morreram perseguidos pela polícia! ■

# MAIS UM ATAQUE AOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL?

Carlos José da Silva

O lixo eletrônico é o lixo que mais cresce no mundo. Somente no ano de 2019, estima-se que foram gerados 53,6 milhões de toneladas deste tipo de lixo em todo o globo. O Brasil é o maior gerador de lixo eletrônico da América Latina e o quinto maior do mundo.

Os impactos deste tipo de resíduo no meio ambiente são imensos e se destacam ainda mais devido a metais tóxicos (como o chumbo, o cádmio e o mercúrio) que estão contidos em alguns destes produtos e que, dentre outras coisas, causam contaminação das águas e gravíssimos danos à saúde humana e animal.

Os catadores de materiais recicláveis, desde sempre, foram os principais responsáveis por amenizarem o impacto destes produtos no meio ambiente. Eles sempre coletaram os resíduos eletrônicos nos lotes baldios, nas portas das casas, e nos lixões, destinando-os, primeiramente, para a reutilização e, em segundo lugar, para a reciclagem.

Enquanto as empresas lucraram bilhões e degradaram o planeta, os catadores viveram em condições de grande miséria, salvando o meio ambiente de uma situação ainda pior, e sofrendo grande exploração, humilhação e preconceito, além de todos os impactos à saúde produzido pelo contato com estes produtos.

Para além dos catadores de rua, em inúmeras cidades do país, os resíduos eletroeletrônicos são coletados pelos programas de coleta seletiva do município, sendo destinados às cooperativas de catadores de materiais recicláveis.

Nos últimos anos, entretanto, as fabricantes de produtos eletrônicos criaram um sis-

tema de logística reversa que tem roubado estes materiais dos catadores. Desde 2010, com a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, todas as empresas (incluindo fabricantes, importadoras, distribuidoras e comerciantes) são obrigadas a implementarem sistemas de logística reversa.

Em resumo, logística reversa significa a responsabilidade das empresas de darem um destino ambientalmente correto aos resíduos dos produtos que elas produzem e lançam no mercado.

Depois de um acordo setorial (2019) e da aprovação de um decreto federal (2020), a ABREE (Associação Brasileira de Reciclagem de Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos), entidade gestora de um sistema de logística reversa organizado pelas fabricantes de eletroeletrônicos, passou a assinar termos de parceria com prefeituras de todo o país.

Neles, a prefeitura continua a coletar os resíduos eletroeletrônicos, mas ao invés de destiná-los às cooperativas, passam a destiná-los ao sistema de logística reversa gerido pela ABREE.

Essa entidade gestora faz acordos com empresas de reciclagem, que passam a ter o monopólio dos resíduos eletrônicos coletados pelo município, sem precisarem passar por qualquer licitação.

As cooperativas de catadores perdem, com



isso, o acesso a todos os produtos eletroeletrônicos, diminuindo em torno de 20% a renda dos seus cooperados.

As fabricantes de eletroeletrônico dizem, com isso, que estão cumprindo a sua obrigação definida em lei, quando na verdade estão tão somente se apropriando da coleta que já era realizada pelo poder público (coleta paga com recursos dos impostos).

Existem muitas formas das cooperativas participarem deste sistema de logística reversa, mas, no geral, elas tendem a perder a autonomia que possuem para triar e vender os materiais.

É a ABREE quem define quem pode ou não fazer parte deste sistema de logística reversa, podendo deste modo criar exigências que estão muito além da capacidade da maioria das cooperativas, além do fato de que, ao fazer parte do sistema, as cooperativas são obrigadas a destinar todo o resíduo eletroeletrônico para a Central de Logística Reversa, sem poder vender de modo mais rentável os seus produtos.

Somente a resistência dos catadores de materiais recicláveis poderá barrar mais esse avanço, dentre muitos outros, das empresas sobre os materiais dos catadores. Sem luta, não há vitória! ■

## EDSON LUÍS PRESENTE!

# Calabouço: um tiro no coração do Brasil

Aurora

Dia 28 de março se comemora o dia do estudante combativo. Essa data foi escolhida simbolicamente em homenagem ao secundarista Edson Luís. Edson foi assassinado com um tiro no coração pela polícia militar, nesse mesmo dia no ano de 1968 (em plena ditadura militar). Ele e outros estudantes se manifestavam por melhorias no restaurante estudantil e em meio ao protesto a polícia invadiu o restaurante Calabouço e atirou no coração de Edson Luís.

O documentário “Calabouço: um tiro no coração do Brasil”, de Carlos Pronza-

to, conta essa história através de diversos depoimentos dos protagonistas da época. Esse importante filme analisa o contexto histórico da época, o assassinato a queima roupa de Edson Luís e as mobilizações que seguiram, inclusive com cenas da marcha dos 100 mil.

Nesse mês de março recomendamos o filme para todos que desconhecem a história e também para quem quer aprofundar e entender melhor a importância da mobilização estudantil.

O filme pode ser visto pelo youtube, basta escrever o nome dele na busca. ■



# Os anarquistas e a política de desarmamento



Antônio Galego

O governo Bolsonaro reacendeu um debate na sociedade brasileira: a política de desarmamento. Para além do debate, a contestação prática ao desarmamento por uma parcela cada vez maior da população já é um fato. A questão das armas e da violência, e, portanto, do poder, é central na luta de classes e pra uma estratégia revolucionária. Por isso é fundamental explicar a posição dos anarquistas, sobre o aspecto político e conjuntural do problema.

## 1- Armamento geral do povo e desconcentração do poder

O monopólio da violência pelo Estado, através de instituições policiais e militares, é uma característica básica da centralização do poder. Não à toa, em processos de colonização o desarmamento das populações nativas é uma medida típica dos colonizadores. A relação dialética entre Estado-Sociedade é nítida. A sociedade é aos poucos destituída do direito de exercer por si mesma a violência. O monopólio estatal da violência torna a sociedade, e mais especificamente a classe trabalhadora, indefesa e incapaz.

Os diferentes tipos de Estado burguês, democráticos ou autoritários, que centralizam o poder sob diferentes justificativas, só evidenciam a tendência geral dos Estados ao autoritarismo e à tirania. A ideia de um Estado “democrático” que promete defender seus cidadãos retirando destes a capacidade de se defenderem por si mesmos, além de contraditória, se torna um absurdo e uma falácia num país como o Brasil, tão desigual e com estruturas jurídicas-repressivas genocidas e anti-povo.

Por isso, os socialistas revolucionários defendem o armamento do proletariado em sua luta contra a burguesia. É a aplicação do princípio de autodefesa (individual e coletiva) bem como uma medida estratégica e programática pra construir a revolução social e a desconcentração do poder (destruição do Estado). O armamento popular, aquisição de material e formação técnica e psicológica, não cairá do céu, num futuro

revolucionário indefinido, nem se reduz a uma medida pós-revolucionária. Conhecimento bélico pela classe e suas organizações, bem como a vontade política de usá-lo, é uma condição para a revolução.

## 2 – Desarmamento: projeto da direita assumido pela esquerda

A política do desarmamento no Brasil ganha corpo com o Estatuto do Desarmamento, uma lei federal resultante do PL nº 292 (PL 1555/2003) proposto pelo senador Gerson Camata (PSDB-ES) e sancionada por Lula (PT) em 2003. Foi desde o início uma política da burguesia e da direita (PSDB, PFL, PMDB, Rede Globo) assumida pelos reformistas do PT e PCdoB.

O Estatuto envolve uma série de restrições, regulamentações e criminalizações do porte e comércio de armas de fogo, em especial por civis. Antes dele a compra e porte por civis era mais fácil e barato, incluindo o porte ilegal (que possuía pena de 15 dias a 6 meses de prisão ou multa).

Em 2005 foi realizado um plebiscito sobre o Artigo 35 do Estatuto que impunha a total proibição da comercialização de armas e munições. O plebiscito foi criado para dar um verniz democrático no início dos governos petistas, mas acabou em uma grande derrota pro governo, com 63% votando não a proibição.

Também se formou um campo reacionário contra o desarmamento (PTB, PL, PP, parte do PMDB e empresas armamentistas). Atendiam ao interesse de grandes empresas e à ideologia individualista-proprietária inspirada na direita dos EUA, onde o “cidadão de bem” é visto como força auxiliar (paramilitar) de sustentação do sistema. Na prática, esse setor nunca foi desarmado, quem de

fato foi desarmado foi o trabalhador pobre, e o desarmamento civil foi acompanhado nos últimos anos pelo fortalecimento das forças militares e policiais.

## 3 – As ilusões pacifistas e a posição anarquista

O atraso causado por quase duas décadas de desarmamento possui fortes marcas na subjetividade de uma geração de jovens trabalhadores. Esse atraso será difícil de remediar.

Desde a aprovação do Estatuto, e sem um contraponto classista (com raras exceções como PSTU e PCO), até grupos e militantes sinceros ficaram a reboque da política burguesa. Argumentos superficiais são usados pra justificar o injustificável: “só os ricos poderão comprar armas”, “somos contra a indústria bélica”, “pelo armamento coletivo e não individual”.

Os argumentos à esquerda em defesa do desarmamento são fruto de ilusões pacifistas e oportunismo. O fato de vivermos no capitalismo, e que por isso os direitos em geral sejam limitados e negados, não significa que os revolucionários devam defender a supressão dos direitos ou não aproveitar suas brechas. O mesmo passa com o direito à autodefesa.

Os anarquistas combatem o desarmamento por seus objetivos nefastos para a libertação e autodefesa da classe trabalhadora. É uma política que só aumenta o poder do Estado burguês. Também criticam a demagogia da extrema-direita, por não retirar as travas burocráticas e corporativistas da lei, com medo de armar o povão de fato, tentando manter o controle através dos clubes de tiro e da burocracia militar.

Os anarquistas encaram a luta de classes de forma materialista e prática: os trabalhadores devem se defender de seus inimigos de classe por todos os meios necessários. ■

**NÃO A POLÍTICA BURGUESA DO DESARMAMENTO!  
TRABALHADOR, ARME-SE E LIBERTE-SE!**

# EXPLORAÇÃO DE TRABALHADORES QUE PRESTAM SERVIÇO AO MINISTERIO DE DAMARES

Érico

**E**m novembro de 2019 foi anunciado no município de Valparaíso de Goiás, na área metropolitana de Brasília, a instalação de uma empresa de Call Center que criaria inicialmente 500 postos de trabalho para a população no município. A empresa BR BPO, especializada em recursos de infraestrutura para TI obedece a um seguimento de “Terceirização do Processo de Negócios”, tradução da sigla em inglês BPO, baseada na lógica de ampliação da produtividade e do lucro para as empresas privadas envolvidas.

Contando com outra unidade no Distrito Federal, no Shopping Florida Mall, no Guará I, a empresa atende a denúncias dos canais 100 e 180, serviço essencial para as populações vulneráveis que sofrem violências domésticas, sexuais, de intolerância, racismo e discriminação e outras formas de violação dos Direitos Humanos. O serviço é vinculado ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, chefiado por Damares Alves.

Denúncias de trabalhadoras e trabalhadores da empresa localizada no Shopping Paraíso Mega Center, em Valparaíso de Goiás circularam as redes sociais. As denunciantes relatam que a empresa do município goiano contratou trabalhadores para as mesmas funções de atendimentos nos canais disque-denúncia

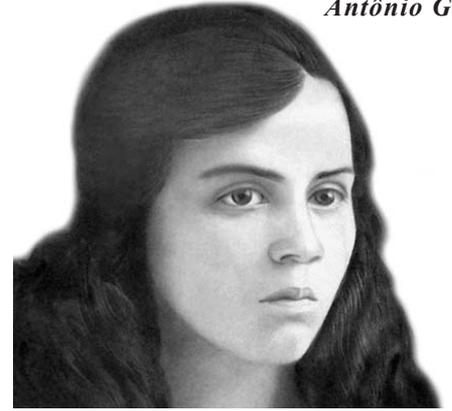
com valores inferiores no salário e vale-alimentação àquele pago aos trabalhadores da unidade no Distrito Federal. Outras queixas são de inúmeros casos de assédio moral, demissões arbitrárias e adoecimento mental.

A situação de precarização do trabalho prestado se agrava quando perante às dificuldades da categoria os sindicatos oficiais SINTTEL e SINDINFORMÁTICA não se mobilizam para combater as explorações e injustiças. As demissões e pressões para que as trabalhadoras e trabalhadores atendam ao maior número de chamadas possíveis aumentaram principalmente quando foi adotado o regime de trabalho remoto durante a pandemia. Surgiram então inúmeros casos de adoecimento da mente e do corpo, enquanto o apoio psicológico prestado pela empresa era falho e não atendia a real necessidade das trabalhadoras e trabalhadores que atendiam todos os dias casos de violências graves e outras queixas contra os direitos humanos.

A organização da categoria em sindicatos e federações combativas e autônomas se mostra mais que necessário. O Sindicato Geral Autônomo (SIGA-DF) realizou campanha em solidariedade às trabalhadoras e trabalhadores da empresa que denunciaram o caso, incentivando a auto-organização e o enfrentamento frente às explorações feitas ao povo. ■

# Movimento messiânico de Santa Dica em Pirenópolis (GO)

Antônio Galego



*“Benedicta Cipriano Gomes, moça de vinte anos e inculta, começou aos seus dezoito anos (...) a ser acometida de certos fenômenos patológicos bem conhecidos na nossa medicina, fenômenos esses que se serviu ela com o concurso de outros indivíduos, para implantar, desde logo, a desolação e a miséria em torno de vários lares pobres e rústicos, trazendo, desta arte, até o desassossego para o Poder Público, cujas autoridades se quer já eram respeitadas nesse antro de bruxaria.”*

*(Relatório do Chefe de Polícia do Estado de Goiás, 24/20/1925.)*

Muitos já ouviram falar de Antonio Conselheiro e de Canudos, mas quem já ouviu falar no movimento da santa Dica em Goiás? Benedicta Cypriano Gomes, ou “Dica” como era conhecida, nasceu em Pirenópolis em 1903. Após a sua suposta ressurreição em 1920, Dica começou a ser tratada como santa por milhares de camponeses da região. Iniciava assim no interior de Goiás, na pequena fazenda chamada “Monzodó”, o mais importante movimento messiânico-popular do estado.

Em 1923 a pequena fazenda se tornou um vilarejo conhecido por “Lagoa”, aonde Dica reuniu cerca de 500 famílias, e até 70 mil pessoas a visitaram em romaria. No território do movimento de santa Dica a propriedade da terra era coletiva, não possuía cercas ou demarcações, e o movimento chegou até a ocupar terras de latifúndios ao redor para a produção de subsistência dos camponeses pobres do vilarejo.

Como mostra a citação inicial, o movimento foi duramente perseguido, tanto pelo Estado e pelos ricos como pela Igreja Católica. Um discurso de demonização do movimento como “incivilizados” e “hereges” foi construído pelas classes dominantes que passavam por um desejo de progresso capitalista no estado. O movimento igualitário e messiânico de Dica foi tido como uma ameaça ao sistema e no dia 14 de outubro de 1925 houve a grande repressão pelas forças policiais (o “dia do fogo”) na qual dezenas de pessoas foram mortas ou feridas, Dica foi presa e o movimento teve seu fim... Mas segue vivo na memória e nas lutas por justiça e por uma terra livre para os trabalhadores goianos e brasileiros! ■

## Diversão

### Caça-palavras: Direitos Trabalhistas

I C S N M V E G O O I R Á L A S H E  
E D A D I N R E T A M A Ç N E C I L  
H L R E S E H K C T S R M M I A I I  
B A A S V A I R O D A T N E S O P A  
S E N E E Y M N E P L S G R A H A C  
R I W W A A E N I A P O A F S D E H  
K F T A K C L R C C A S O U S T I H  
I O R H D É C I M O T E R C E I R O  
E H A D I C I O N A L N O T U R N O  
H A S Y D S T O M S R T R F I B O U  
W T E T R O P S N A R T E L A V G I  
T T I O N U E S R T A V F É R I A S

Palavras: adicional noturno - aposentadoria - décimo terceiro - férias - greve - licença maternidade - salário - vale transporte